



Andre Matos e Rock Brigade: Disputas de Sentido e Construção do *Ethos*¹

Cássia Tamyris Sousa², Francisco Laerte Juvêncio Magalhães³
Universidade Federal do Piauí

Resumo: Pretendemos analisar a construção do *ethos* do cantor e compositor Andre Matos durante entrevista concedida ao periódico Rock Brigade, veiculado em fevereiro/março de 2008. Utilizamos o método da Análise de Discurso, através da qual podemos evidenciar estratégias enunciativas utilizadas pelos sujeitos aí envolvidos e apontar efeitos de sentidos possíveis, a partir desta materialidade discursiva. Recorremos aos conceitos de *ethos*, sujeito, enunciado e enunciação que buscamos nos autores Amossy (2005), Magalhães (2000), Maingueneau (2005), Foucault (1992), Benveniste (1989) e Pinto (1999).

Palavras-chave: mídia; discurso; *ethos*; sujeito.

Introdução

Neste artigo buscamos analisar a construção do *ethos* do musicista Andre Matos durante entrevista concedida à revista Rock Brigade (edição nº. 257). Após o rompimento com a banda Angra e, logo em seguida, a formação do grupo Shaman, tanto Andre como demais integrantes do Shaman recusaram-se a falar com o periódico por um período de quase dez anos.

Estendendo-se em oito páginas, a entrevista tem como principais assuntos o lançamento do álbum “Time To Be Free”, primeiro trabalho em carreira solo de Matos. E a relação entre a revista e o músico.

Observamos os embates entre entrevistado e entrevistador, como o músico constrói a imagem de si mesmo a partir de sua enunciação. Para isso utilizamos as considerações sobre o *ethos* a partir da perspectiva de Ruth Amossy (2005) e os conceitos de enunciação, enunciado e sujeito de Benveniste (1989).

É importante ressaltar que consideramos apenas o que foi dito na revista no momento desta análise. Temos ciência de que a entrevista passou por um processo de edição, ou seja, várias vozes fizeram parte deste discurso como, por exemplo, a do editor, o que pode ter originado efeitos de sentido diversos.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias de Comunicação – NEPEC e bolsista PIBIC/UFPI.

³ Doutor em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ); Docente da Universidade Federal do Piauí; coordenador do NEPEC; orientador deste trabalho.



Mais do que analisarmos as querelas enunciativas entre entrevistado e entrevistador, pretendemos também compreender como se constitui a discursividade em um tipo de mídia mais especializada: uma revista de música, segmentada, para o público de heavy metal. Bem como a relação que esta mantém com suas fontes e vice-versa.

Como *corpus* utilizaremos o exemplar da revista Rock Brigade de fevereiro/março de 2008, edição 257.

O *ethos*

Na Grécia Antiga, os predecessores de Aristóteles consideravam o *ethos* apenas a construção de uma imagem de si, positiva, de modo a garantir êxito. O filósofo grego ressalta que o *ethos* está também ligado a uma questão moral. O orador expõe seus argumentos, pouco importando se eles são sinceros ou não, para conquistar adesão. Ou seja, a partir do momento em que ele toma a palavra o que importará é o caráter que ele mostra para o público e não o que de fato ele tem.

Aristóteles afirma que é ao caráter moral que se deve boa parte do poder de persuasão do discurso. Entretanto, para o filósofo grego, a função primeira da retórica não é persuadir. Ela consiste no planejamento da argumentação para achar meios adequados de obter adesão de acordo com a circunstância. Segundo o autor, “(...) é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que nos parece ser verdade” (ARISTÓTELES, 1998).

Ele percebeu a argumentação como uma série de estratégias que constituem o discurso persuasivo e pôs o silogismo entimemático (dedução a partir de duas assertivas, onde se chega a uma terceira que será a conclusão) como ponto base para se convencer o outro.

As estratégias seriam as provas inartísticas ou não-técnicas e as provas artísticas ou técnicas. As provas técnicas são as que dão origem ao sistema de estudos aristotélico: *ethos*, *pathos* e *logos*. Estas serão as de nosso interesse neste estudo.

O *ethos* é da ordem do emocional. Consiste na imagem que o orador transmite de si mesmo para o seu público. Não condiz necessariamente com o seu caráter real. O *pathos* também é de ordem emocional, mas é inerente aos efeitos de sentido que o orador provoca na platéia. O *logos* apresenta-se de forma racional e diz respeito à argumentação de fato.



A esta noção, tomamos como complemento as considerações de Maingueneau. Para ele, o *ethos* não se explicita:

O que o orador pretende ser, ele o dá a entender e mostra: não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir. O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, o papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real”, (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório. (MAINGUENEAU, 2005, p. 71)

Acerca deste assunto, Foucault cita Santo Atanásio:

Eis uma coisa a observar para se ter a certeza de não pecar. Que cada um de nós note e escreva as acções e os movimentos da nossa alma, como que para no-los dar mutuamente a conhecer e que estejamos certos que, por vergonha de sermos reconhecidos, deixaremos de pecar e de trazer no coração o que quer que seja de perverso. Pois quem consente ser visto quando peca, e após ter pecado, não prefere mentir para ocultar a sua falta? Não fornicaríamos diante de testemunhas. Do mesmo modo, escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos de comunicar mutuamente, melhor nos defendermos dos pensamentos impuros por vergonha de os termos conhecido. Que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese: de tanto enrubescermos por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo mal pensamento. Disciplinando-nos dessa forma, podemos reduzir o corpo à servidão e frustrar as astúcias do inimigo. (FOUCAULT, 1992, p. 129-130)

No trecho, o bispo explica como a imagem é importante para cada indivíduo. Não a verdadeira índole, mas aquilo que gostaríamos que pensassem de nós é o que nos esforçamos por aparentar. Mesmo que façamos coisas consideradas imorais ou vergonhosas, jamais as fazemos em público porque aquilo acarretaria uma imagem negativa de nós mesmos. Na teoria da conversação, de Gordon Pask, é o que se chama a proteção da face. É claro que os conceitos de imoral ou vergonhoso, certo ou errado, bonito ou feio, é algo que cabe ao próprio indivíduo julgar. Com o adendo de que esses julgamentos sempre perpassam pelo social.

Foucault também fala do papel da escrita de si que aqui tomamos como a imagem de si: “[...] a estreita ligação à camaradagem, o ponto de aplicação aos movimentos do pensamento, o papel de verdade.”. (FOUCAULT, 1992, p.132)

Sujeito, enunciado e enunciação

É importante ressaltar a relação de alteridade que se estabelece no momento da entrevista. Se há um *eu* é porque há um *tu*. Este, representado pelo entrevistador. Magalhães dá



corpo a essa assertiva: “O eu, ao se constituir como instância discursiva, instaura imediatamente o tu, na condição de interlocutor. Estas duas posições são lugares discursivos, transcendentais e reversíveis.” (MAGALHÃES, 2000)

Atentamos para o que Pinto (1999) chama de *sujeito falado* que ocorre quando aquele que é visado pelo enunciado aceita a imagem do outro, do *tu*, ordenada discursivamente pelo *eu*. Essa noção faz-se importante já que teremos de perceber quais expectativas que entrevistado e entrevistador têm um do outro. Principalmente, no momento da entrevista em que uma declaração do entrevistado poderá mudar totalmente a pergunta seguinte que lhe será feita. Ou até mesmo quando as posições se invertem.

Veremos também que Pinto (1997) irá classificar os sujeitos da enunciação de diferentes formas, baseado nas nuances entre os discursos verbais. São eles: “de ordem verbal, produtor de fala ou escrita, de ordem cognitiva, exibidor de conteúdos de percepção ou de pensamento, ou de ordem emotiva e/ou passional, promotor de adesões e rejeições.” (PINTO, 1997-182).

Consideramos os conceitos de enunciado e enunciação postulados por Benveniste (1989) em sua Teoria da Enunciação que prevê a existência de dois sujeitos: o do enunciado e o da enunciação. Eles estão estreitamente relacionados, mas não são a mesma coisa. O enunciado é da ordem do dito. A enunciação é da ordem do dizer. Numa situação prática dizemos que o enunciado é o texto propriamente dito. E a enunciação só pode se cristalizar na forma como é apresentado o enunciado já que ela se processa no momento em que o discurso está sendo proferido.

Andre Matos

Andre Matos é um dos mais populares cantores brasileiros no cenário do heavy metal, tanto no Brasil como em outros países. Ficou famoso pela seu vocal alto e limpo e, principalmente, por ter integrado bandas de relevância internacional, como Angra. Ainda adolescente, formou a banda Viper. Posteriormente, o grupo Angra com o qual rompeu de forma conturbada para, em seguida, formar a banda Shaman. Como saiu deste grupo também, segue em carreira solo, tendo lançado seu primeiro álbum sozinho no ano de 2008. Foi nesta época que concedeu a primeira entrevista, em quase dez anos, a revista Rock Brigade, um dos mais importantes periódicos nacionais neste segmento musical.

A matéria veiculada na revista *Rock Brigade* que compõe o *corpus* deste trabalho inicia-se tratando a respeito do lançamento do novo trabalho do cantor, o álbum “Time To Be Free”. Em virtude do título do disco que, literalmente traduzido significa “Tempo para ser livre”, e do passado de Matos, que já foi integrante de três bandas, ele é inquirido a respeito do nome do álbum, se seria alguma alusão ao fato de “agora estar em carreira solo e “livre das amarras que uma banda traz”. Andre responde que este não é o motivo, mas sim por se tratar de uma das músicas do álbum: “a gente teria que entender um pouco sobre o quê é essa música, sobre o quê ela fala, pra chegar ao significado disso aí. Eu acho que por trás desse título, Time To Be Free, há uma mensagem grande.”

Vemos neste trecho a apresentação de um *ethos* irônico em que o enunciador explica que é preciso entender o significado da música para que se compreenda o sentido do título do álbum. Numa situação convencional, este é o esperado. Contudo, aqui o enunciador demonstra fino escárnio por aquele que é incapaz de compreender o real significado da música. Quando Matos fala a expressão “eu acho” não é com o sentido de dúvida, mas de certeza de que ali há uma grande mensagem.

Discurso semelhante é apresentado no trecho abaixo no qual Andre deixa mais clara a ideia de que nem todos entenderão seu trabalho[SD1]:

É só explicando mesmo que ele funciona.[SD1] Mas não tem problema, porque eu acho que muitas das coisas que foram criadas em arte no mundo não foram plenamente entendidas num primeiro momento. A gente continua curtindo Beethoven hoje, 200 anos depois, e na época dele ele não era tão compreendido assim. [SD2]

Observamos a construção de um sujeito de ordem cognitiva ao mostrar a percepção que tem sobre como a arte era entendida em determinado tempo para como é entendida no momento em que ele fala. Ao mesmo tempo em que discorre sobre a necessidade de explicar, ainda acrescenta que a ideia concebida para seu trabalho somente funcionará mediante explicação. Em SD2, constrói novamente um *ethos* irônico projetado na medida em que mostra certo conformismo por ser incompreendido. Cria um elo com o compositor erudito Beethoven: a incompreensão. Serem incompreendidos em suas respectivas épocas os tornam semelhantes neste aspecto.

Ao explicar o processo de composição das músicas, Andre elogia o músico Ozzy Osbourne quanto ao modo de trabalho adotado:

As músicas eram escritas em parceria com os músicos que estavam com ele[Ozzy Osbourne] e isso eu acho muito legal, ou seja, que você seja uma banda solo, que haja ali o seu nome encabeçando a coisa e isso te dê credibilidade e te dê prestígio, mas, por outro lado, eu abomino a idéia de ser um ditador que vai fazer tudo sozinho, que vai dar ordens. Ao contrário, eu sou superaberto ao diálogo, a gente trabalha junto, nós somos parceiros musicais e isso é bem claro pra todo mundo que trabalha comigo atualmente.

Aqui expõe sua opinião de forma a obter adesão do leitor construindo um sujeito de ordem emotiva. Notamos que Matos cria um vínculo de identificação com o Ozzy Osbourne. Mostra-se favorável e concordante quanto à forma de Osbourne agir. Acrescenta e enfatiza que sua própria forma de agir é semelhante a dele. Para isso utiliza como recurso a voz daqueles que trabalham junto ao seu projeto. Osbourne ocupa aqui a posição de um modelo profissional a ser seguido. Acreditamos que por sua trajetória musical que o faz importante dentro do rock em geral e do heavy metal, mais especificamente. Primeiro como líder da banda Black Sabbath e depois em carreira solo.

Outro ponto da entrevista a ser abordado diz respeito à música “Moonlight” que, originalmente é uma música do Viper, primeira banda de Matos. No álbum “Time To Be Free”, ele faz uma nova versão desta mesma canção e dá-lhe o nome de A New Moonlight. Andre fala de como a peça tem passagens de música “clássica” ao que o entrevistador intervém: ela é “basicamente a Moonlight Sonata, de Beethoven”. “Então, ela é bem baseada na harmonia da Moonlight Sonata, mas tem umas partes a mais” é o que o músico responde depois de hesitar. Vemos que há uma situação de defesa de sua canção. Ela não é Moonlight Sonata, mas é apenas “baseada”, ou seja, tem apenas fundamentos da música de Beethoven. E, claro, “partes a mais”, dando a entender serem criações inteiramente suas.

Este embate continua numa sequência de mais três perguntas que funcionariam aqui como provocações. O entrevistador diz que as “partes a mais” estão presentes “principalmente agora na versão nova”. Andre interrompe e explica:

Agora principalmente, mas já tinha na época (da canção Moonlight). Aquele solo de violino no final não pertence ao original e também toda a melodia foi criada depois. **Embora tenha sido de fato criada em cima da sonata Ao Luar, de Beethoven, opus 28, número 1[N. Do R.: na realidade, opus 27, número 2][SD1].** É uma peça conhecidíssima, mas nem por isso deixa de ser uma música fantástica.



Observamos a obstinação do músico em conferir propriedade à música, sujeito de ordem tanto cognitiva, na medida em que expõe conteúdos de percepção, como de ordem emotiva. Concorde com o entrevistador, mas ressalta que a versão antiga da música tinha “partes a mais”, enfatizando o que já havia dito. E depois descreve o que difere uma versão da outra como prova de que está dizendo a verdade.

Na sequência discursiva em destaque percebemos a necessidade do cantor em mostrar o conhecimento que tem. Consequentemente, esta ação confere legitimidade a ele como músico. Não é qualquer um que está falando, mas sim alguém que domina uma área de estudo. No entanto, a credibilidade é fissurada pela correção do entrevistador pois a informação estava incorreta (SD1).

Sobre a banda Viper, temos o seguinte trecho:

RB - [...] porque eu particularmente acho que o Theatre of Fate está entre os cinco melhores discos de rock pesado feitos no Brasil.

MATOS: [interrompendo] Eu também acho. Modéstia à parte, eu também acho. Ele é o resultado de toda uma junção de fatores que deu muito certo.

Neste trecho, não foi feita uma pergunta ao músico, mas uma afirmação: a de que o álbum *Theatre of Fate* é um dos melhores de “rock pesado feitos no Brasil”. Andre mostra-se concordante e passa a imagem de alguém que tem uma concepção elevada do trabalho feito por si mesmo (sujeito de ordem emotiva).

Mais adiante, Matos é questionado se uma volta como vocalista do Viper já tinha sido cogitada. A resposta:

Não, na verdade não. Até porque quem está ocupando o posto de vocalista no Viper é o Ricardo Bocci, um cara que eu conheço há muito tempo e que, na época que eu dava aula de canto, foi meu aluno. Um dos meus melhores alunos. Então, eu fiquei muito feliz quando ele foi chamado a integrar o Viper porque, de certa forma, tinha a ver comigo e eu acho que consegui passar o bastão pra ele de forma legal. [...]

Neste trecho notamos a forma peculiar como o músico refere-se ao aluno. O fato de agora Bocci ocupar a mesma posição que um dia Matos ocupou ganha uma conotação quase mística. A expressão “passar o bastão” denota o preenchimento de um lugar de glória e, principalmente, responsabilidade (sujeito de ordem cognitiva). Ele agora não é mais apenas o discípulo, pois ocupa o lugar que o mestre um dia ocupou.

Durante a abordagem sobre os anos de silêncio em relação ao periódico, veja o trecho a seguir:



[...] Eu acho que o fato de eu estar dando essa entrevista pra Brigade demonstra um grande avanço, seja do meu lado, seja do lado da Brigade. Isso demonstra pra mim o grau de profissionalismo em que hoje a revista se encontra. Eu acho que é absolutamente fundamental, que a revista seja isenta de qualquer tipo de opinião externa, que seja uma coisa idônea. E não era o que eu sentia na época do Shaman. Na época do Shaman, eu sentia que havia uma competitividade muito grande em relação ao Angra, que era a nossa banda anterior. E que eu acho que era natural que houvesse, porque a gente foi uma dissidência do Angra e acabou competindo no mesmo mercado, no mesmo nicho, num período em que o Angra era empresariado pela mesma empresa que controla a Rock Brigade. Então, houve um conflito de interesses. [...]

Vemos a construção de sujeito tanto de ordem cognitiva como emotiva. Observamos que Matos apresenta uma visão daquilo que considera ser um jornalismo ético. Utiliza adjetivos para tal: “idônea”, isenta”. E que seja livre de “opinião externa”. Também acusa a revista de não ter apresentado esses elementos no passado. Justifica, para tal, com a informação de que a Rock Brigade era do mesmo grupo que empresariava a banda Angra, da qual o grupo Shaman era remanescente. Portanto, para ele, o periódico não poderia tratá-los com a imparcialidade exigida no jornalismo.

Já no momento seguinte, Andre fala:

Era uma época de em que a maioria das revistas, exceto a Rock Brigade, mas todas as outras revistas do mercado direcionadas para esse público, davam destaque muito grande para a banda, o que acabava refletindo em matérias de capa sempre que a banda lançava um disco.

Neste trecho, o cantor compara a revista com outros periódicos, mostrando a forma desvantajosa como o Shaman era tratado pela Rock Brigade. A sequência é a seguinte:

RB – Sim, mas vocês davam entrevistas para essas outras revistas e, portanto, elas podiam colocar a banda na capa. Pra Brigade, não tinha entrevista. Como a gente ia pôr na capa se pra gente vocês não davam entrevista?

MATOS – Mas, então, tudo isso foi conversado por meio do nosso empresariamento da época de que, ok, a banda pode fazer uma entrevista pra revista se vocês garantirem que vai haver um destaque pra banda, que vai ter capa, como as outras fazem. E isso não nos foi garantido.

Vemos aqui uma tomada de defesa do periódico: justifica-se que os integrantes da banda não concediam entrevista para a revista, logo não poderia colocar o grupo na capa. Matos constrói um *ethos* estrategista na medida em que expõe a visão de que seria



inviável conceder uma entrevista se a revista não promettesse que a banda estaria na capa. Em seguida, justifica-se novamente:

Mas era muito óbvio na cabeça da gente (Shaman) que a gente não queria ser preterido dentro de qualquer revista. A gente achava que tinha uma certa importância no cenário e, de acordo com o que vinha acontecendo nos outros veículos, a gente achava que a Rock Brigade deveria privilegiar a banda no mesmo nível, da mesma forma que fazia com o Angra.

Notamos, por este trecho, que o cantor considerava sua banda relevante no cenário musical e que, em decorrência disto, não havia como admitir que uma revista pudesse desprezá-la em relação à sua banda anterior, Angra. Mas sim que um tratamento igual fosse dispensado a ambas.

Considerações Finais

Ao final desta análise percebemos que o músico Andre Matos, durante a entrevista, apresentou predominantemente um *ethos* irônico e, por vezes, estratégico. A subjetividade construída por ele foi predominantemente de ordem cognitiva e emotiva o que o caracteriza como um exibidor de conteúdos de percepção ao mesmo tempo em que procura obter adesão para estes conteúdos que expõe.

Nestes momentos, demonstrou, principalmente, que considera seu trabalho artístico complexo e de difícil entendimento ao passo que constrói uma imagem elevada de si mesmo enquanto músico. Encontrou um elo com o compositor erudito Beethoven: o fato de serem incompreendidos em seus respectivos momentos históricos. Mostrou simpatia pelo músico Ozzy Osbourne e comparou-se semelhante a ele no método de composição em suas respectivas bandas solo.

Na abordagem sobre a relação entre a revista e o músico, podemos constatar que há uma disputa entre ambos pela adesão do leitor. A Rock Brigade justifica-se afirmando que os integrantes da banda não concediam entrevista para a revista, logo não poderia haver matéria sobre o grupo no periódico. Matos tece uma série de considerações sobre a imprensa. Defende a abordagem imparcial da imprensa, mas também exige que a relação de troca que mantém com esta lhe seja vantajosa. As duas concepções soam contraditórias já que a imparcialidade jornalística pressupõe que não deva haver qualquer tipo de vantagem a qualquer dos lados abordados numa matéria, implicando, assim, na construção de um *ethos* contraditório.



Referências bibliográficas

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. Editora Contexto. São Paulo, 2005.

MAGALHÃES, Laerte. *Veja, isto é, leia – produção e disputas de sentido na mídia*. EDUFI. Teresina, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* In: _____ A escrita de si. Passagens. 1992

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas, SP : Pontes, 1989.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker, 2002.

Rock Brigade, São Paulo: Ed. Rock Brigade Ltda., fevereiro/março de 2008. Ano 26. Edição 257.